

Boletim

A revista do Sistema

INFORMATIVO



SISTEMA FAEP



Ano XXVI | nº 1166

13 a 19 de fevereiro de 2012

Tiragem desta edição: 24.000 exemplares

O Sistema Faep no Show Rural

Maior prazo para consulta pública da ANTT

- 2 Show Rural**
Tecnologia e pesquisa
- 7 Imagens**
Retratos de Cascavel
- 24 Infraestrutura**
Consulta Pública da ANTT
- 28 Poços artesianos**
O exemplo de Bom Jesus do Sul

Um Show de tecnologia

Sistema Faep leva mais de 8 mil produtores a Cascavel

Por Hemely Cardoso e Fotos: Fernando Santos e Lineu Filho



- 31 Transgênicos**
Brasil é o segundo
- 34 Via Rápida**
Tainha, Chope, Cócegas, o Leão, O Amazonas, Controle e Soluções
- 36 Cursos**
Gesdtão Rural, Grãos, Posse, Casqueamento, Muler Atual e Jardineiro
- 38 Sindicatos**
Nunorte, o novo modelo
- 39 Notas e Carta**

A maior vitrine tecnológica na agricultura do Brasil, a 24ª edição Show Rural Coopavel foi encerrada na sexta-feira, dia 10. Pelos 72 hectares às margens da BR-277, na entrada de Cascavel, a 500 quilômetros de Curitiba, cerca de 180 mil visitantes tiveram à disposição 406 expositores e 3.700 profissionais e pesquisadores, num mosaico de lançamentos em equipamentos e maquinários de última geração, de novas pesquisas e produtos que abrangem todos os setores do agronegócio. Nesse exército de gente de todos os cantos do País estavam caravanas que somavam mais de 8 mil produtores levados pelo Sistema FAEP.

Referência no que acontece no campo brasileiro, a maioria dos agricultores ao passar pelo Show Rural transforma conhecimento em realidade. Há seis anos o casal Abílio Cardoso da Cruz e Leoni Wiginescke Cardoso Cruz, proprietário de 86 hectares em Douradina (7.445 habitantes IBGE 2010), a 250 km de Cascavel, marca presença no evento através do Sindicato Rural de Douradina. Pecuarista, o marido conta que em uma das suas visitas aprendeu sobre rotação de pastagem e aplicou o conhecimento na prática. “Fiz a mudança no meu sistema de pasto e deu certo”, diz.

Enquanto isso, às 4h30 min da madrugada de quinta-feira (9), o casal Joares Guimarães Tonial e Clarice Fortunato Tonial saiu do sítio em Coronel Domingos Soares (7.238 habitantes IBGE 2010) a 340 km de Cascavel, para pegar a caravana no Sindicato Rural de Palmas. Depois de seis horas de viagem chegaram a Cascavel. Proprietários de 67 hectares, o casal é produtor de leite e pela primeira vez participam da feira e saíram animados. “De tanto falarem viemos e vimos muitas coisas que podemos melhorar a nossa produção e a nossa renda”.

Ao longo dos cinco dias de feira os termômetros registraram uma média de 33°, mas a sensação era de pelo menos 40°. Circulando pelos estandes era possível colher informações de novas alternativas para a diversificação da propriedade. No repertório dos



visitantes o que e como produzir, cálculo de custos de produção e oportunidades de comercialização. O produtor que passou por lá pode agregar ainda conhecimento nas áreas de plantio direto, tecnologias de cultivo e manejo do solo, tecnologias de produção e ainda administração rural.

Ministro no estande da FAEP

Entre outras autoridades, o estande do Sistema FAEP no evento recebeu a visita

do ministro da Agricultura, Mendes Ribeiro, que ressaltou o papel da instituição no desenvolvimento do homem do campo. “O Sistema FAEP está ao lado do produtor rural, promovendo o treinamento e capacitação no meio rural”, disse. Ele afirmou que o governo federal está fazendo o seu dever para minimizar os efeitos da seca que atingiu a região Sul no último mês. “Estamos trabalhando para o Brasil se prevenir contra a seca. Não precisamos lembrar da falta de água somente quando ela ocorre. Por isso, vamos criar uma política de recursos hídricos que proteja o produtor em relação aos efeitos climáticos”.

O ministro adiantou seu desejo de regionalizar o Ministério da Agricultura “e transformar o pequeno produtor em médio produtor; o médio produtor em grande produtor e o Brasil em uma enorme potência mundial e, para alcançar esse objetivo, entidades como a FAEP e as cooperativas são fundamentais”.

72 hectares
do melhor da
tecnologia do
campo



Um “dia de campo” na universidade à céu aberto

Agricultura de precisão

Gaúcho da pequena Colorado, no noroeste gaúcho, o produtor Gion Carlos Gobbi, 49 anos, passou um “dia de campo” na maior universidade a céu aberto do país. Jeito calmo e voz baixa revelou não ter receio de investir em tecnologia e acredita que o produtor, mais do que nunca, deve ficar atento às novidades e transformações, e implantá-las na propriedade. “O agricultor sabe que para aumentar a produtividade, ele precisa investir em tecnologia. Quem não se adaptar, com certeza, ficará fora do mercado”.

Há dez anos em Cascavel, Gobbi sempre foi ligado a terra. Filho de agricultores, começou cedo a trabalhar na lavoura. Junto com os dois irmãos comprou uma propriedade em Sinop, no Mato Grosso, em 1989. Nos 8,6 mil hectares plantam soja, milho e arroz e mantém outra área de 300 hectares,

a 14 km de Cascavel. Há três anos utilizam a agricultura de precisão para aumentar a produtividade e reduzir os custos dos insumos nas propriedades. Inicialmente, compraram equipamentos como antena de GPS, corretor de inclinação, monitor para controlar o plantio, volante automático e barra de luz. Na sua avaliação, os altos investimentos valeram a pena. “Você precisa investir para colher lá na frente”, resume. Para ele, a agricultura de precisão é a realidade no campo e o grande desafio, a partir de agora, é torná-la popular. “Como aconteceu a popularização do celular, a mesma coisa está acontecendo no campo. Não há como fugir, a tecnologia veio pra ficar”, observa.

Desde 1989

Desde a primeira edição do evento, em 1989, o Sistema FAEP, marca presença no Show Rural. Pelo estande da Federação passaram autoridades e mais de 8.000 produtores rurais de todos os cantos do Estado. A principal atração foi o simulador de aplicação de defensivo agrícola via GPS, modelo Imperador, da Stara, utilizado em agricultura de precisão. O superintendente do SENAR-PR, Ronei Volpi, lembra da primeira participação do Sistema no evento e, que de lá para cá, a feira só evoluiu. “A cada ano que passa o show supera as expectativas, sempre inovando com as melhores tecnologias. O Sistema FAEP tem orgulho em participar de um evento que promove o desenvolvimento no campo”. Na avaliação do presidente da Coopavel, Dilvo Grolli, o mundo está colocando mais novidades a cada momento, e o Show Rural é a vitrine. “Isso não vai parar, porque a necessidade do agricultor é maior a cada ano”, avalia.

A nova geração

Bastava dar uma volta pelas ruas do Show Rural para perceber que ali circulavam produtores rurais de todas as idades.

Entre eles, estava o menino de Ortigueira, Gabriel Giovani Reis. Aos nove anos, ao lado dos pais, Sandro Costa e Dourete Maria Reis Costa, fez a sua primeira viagem de ônibus rumo à maior feira da agricultura do país. O trajeto de 600 km e de sete horas parecia não terminar para Gabriel, conta a mãe.

Mesmo exausto depois de sete horas de viagem, esqueceu o cansaço ao ver o primeiro trator na exposição. “Quando crescer vou comprar um”, revela, com brilho nos olhos. Na propriedade da família, a 3 km de Ortigueira, nos Campos Gerais, entre os três filhos do casal apenas Gabriel gosta de mexer com a terra. “Eu vou dar continuidade ao trabalho do meu pai”, conta. E já faz planos para o ano que vem: “Quero estar aqui de novo”.



Parceria

Durante o segundo dia da exposição, ao lado do governador Beto Richa, o diretor-financeiro do Sistema FAEP, João Luiz Rodrigues Biscaia, o superintendente do SENAR-PR, Ronei Volpi, o presidente da Coopavel, Dilvo Grolli e o presidente do Sindicato Rural de Cascavel, Paulo Orso, assinaram um termo de cooperação que prevê a realização dos cursos de formação profissional e de promoção social em parceria com a Coopavel e Sindicato Rural de Cascavel para 2012.



500 milhões

No penúltimo dia do Show Rural, dia 9, o vice-presidente de Agronegócio do Banco do Brasil (BB), Osmar Dias anunciou uma carta de crédito de R\$ 500 milhões aos produtores rurais para o financiamento de máquinas e implementos agrícolas. Somente no ano passado, a carteira do agronegócio do BB no Paraná somou 11,3 bilhões. O secretário de agricultura, Norberto Ortigara, o vice-presidente da FAEP, Guerino Guandalini e o presidente do Sindicato Rural de Cascavel, Paulo Orso, participaram da assinatura do contrato.





Beto e Aécio

O governador Beto Richa foi o cicerone do senador Aécio Neves no Show Rural, dia 7. Os dois plantaram árvores e visitaram o evento. Aécio destacou a falta de investimento do governo federal no agronegócio. “O agronegócio tem sustentado a economia e o crescimento do Brasil e não tem atenção necessária. Não há política de médio e longo prazo para estimular o agronegócio, estamos perdendo força”, criticou o senador.

“Sou de uma família de pequenos produtores de café, vejo a luta e acompanho durante toda a minha vida sobretudo a luta do pequeno produtor, que luta com todas as dificuldades com relação ao cré-

dito, ao custo da produção, à carência da infraestrutura”, disse Aécio.

Já o governador paranaense afirmou que a FAEP e a Ocepar são entidades que tem contribuído muito para que políticas públicas sejam implantadas no Estado e beneficiem diretamente os produtores rurais. “Estamos cumprindo com cada compromisso assumido com o setor rural e um exemplo foi a criação da Agência de Defesa Agropecuária (Adapar), uma sugestão apresentada pela FAEP ainda durante as eleições. E também agora, com a estiagem, pudemos contribuir para amenizar o sofrimento dos agricultores com medidas importantes», destacou Richa.

Retratos de Cascavel



































Os desvios das tarifas

Agronegócio quer ampliar prazo de consulta pública da ANTT

A ANTT (Agência Nacional dos Transportes terrestres) abriu uma Consulta Pública (001/2011) para a avaliação das tarifas-teto das concessionárias de ferrovias. Tal medida ocorreu diante das contínuas reclamações dos usuários de transportes de diversos setores econômicos, especialmente dos ligados ao agronegócio sustentadas em levantamentos realizados pelo “Projeto Jamaica” (veja página 27), que está sendo desenvolvido pela ESALQ-Log (da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) e faz uma radiografia da logística e da infraestrutura do Paraná. Na sua primeira fase (BI 1160), durante o Fórum de Logística promovido pela FAEP, em novembro passado, ficou demonstrado inclusive o absurdo das tarifas de transportes ferroviários superarem os rodoviários.





A tarifa do transporte ferroviário supera a do rodoviário

Assim, no último dia 31 de janeiro, na sede da Alcopar, em Maringá, representantes de 22 instituições do agronegócio, inclusive a FAEP, e técnicos da ESALQ-Log fizeram uma minuciosa análise da consulta pública da ANTT. A América Latina Logística (ALL) praticamente detém o monopólio do transporte ferroviário no Estado, exceto entre Cascavel e Guarapuva (FerroOeste). Na semana passada, instituições e empresas encaminharam documento solicitando à ANTT, que a Consulta Pública seja estendida por, no mínimo, 90 dias, permitindo que sejam examinadas uma série de dúvidas constatadas durante a reunião, em Maringá. É necessário, segundo o documento:

1. Uma reunião técnica ou audiência pública para explicação do modelo matemático, pois muitos dados do modelo da revisão de tarifa-teto não foram disponibilizados;
2. A apuração dos dados das concessionárias das ferrovias referentes aos anos de 2010 e 2011 - considerando que o balanço do ano completo de 2011 será divulgado até o mês de março de 2012.

Esses esclarecimentos são necessários, porque não há clareza nos modelos desenvolvidos pela ANTT para a fixação das tarifas-teto, teoricamente baseados fundamentalmente nos itens distância e produto transportado.

Nova base de dados

Uma segunda observação refere-se ao período utilizado para o cálculo das novas tarifas-teto propostas. O conjunto de dados das condições das vias tem como referência dados de 2008,

enquanto o conjunto de dados das concessionárias é referente a 2009. Como o resultado desta pesquisa começará a ter validade em 2012, acredita-se que o modelo já tem uma defasagem considerável de pelo menos três anos. No documento enviado à ANTT sugerindo o alargamento do prazo da Consulta Pública, os usuários do agronegócio lembram que a crise financeira internacional do final de 2008 também afetou o transporte ferroviário contaminando os dados disponíveis. Dessa maneira, sugerem que os cálculos sejam efetuados a partir da média da base de dados de 2009, 2010 e 2011.

Os custos apresentados foram feitos a partir de gastos que efetivamente ocorreram pela concessionária, a partir de operações realmente praticadas em 2009, mas que não podem ser aplicados nos anos subsequentes. “Cada ano tem um referencial e em 2009 tivemos a redução de movimentação de cargas em geral devido à crise internacional, o que pode levar o modelo a gerar tarifas-teto com esse viés de custos maiores das concessionárias, prejudicando os usuários do transporte ferroviário”, diz Pedro Loyola, economista da FAEP.

Os dados apresentados na Consulta Pública oferecem outros fatores interessantes. Por exemplo, a tarifa teto por produto estipulada para todas as concessionárias da ALL é a mesma independente se a malha é no Paraná ou em outro Estado. Além disso, a tarifa de soja da Ferroeste é idêntica àquela calculada para a ALL, mesmo com movimentações totalmente distintas.

Nas malhas analisadas de outras concessionárias, as tarifas-teto mudam entre os produtos açúcar e soja – mesmo considerando que os produtos utilizam o mesmo vagão para serem transportados. Porém esta mudança

não ocorre para a ALL, onde o custo fixo é igual para os dois produtos, enquanto que para outra concessionária o custo fixo do açúcar é quase quatro vezes maior do que no caso da soja. Pelos dados disponíveis o usuário que tem investimentos na infraestrutura correspondente e possui melhor produtividade dos equipamentos não é, aparentemente, contemplado e incentivado na determinação da tarifa máxima a ser cobrada.

Conceitos claros

Ao utilizar uma rodovia ou ferrovia no escoamento de cargas, o usuário do transporte calcula os gastos de envio do produto diretamente, por rodovia, do armazém de origem da produção até o Porto de embarque. Nos cálculos estão os gastos envolvidos na solução logística intermodal (ponta rodoviária, transbordo, perdas e o trajeto ferroviário propriamente dito). Dessa maneira, o frete ferroviário não é o único determinante na utilização do modal, embora seja o mais importante e o mais representativo. “Entende-se como fundamental que este conceito esteja bastante claro para os formuladores de políticas públicas, de forma que possa ser utilizado para outros mecanismos de incentivo ao setor para que a alternativa intermodal seja cada vez mais competitiva na economia nacional, gerando conseqüentemente competitividade dos produtos brasileiros no exterior”, diz o documento encaminhado à ANTT.

Os usuários do agronegócio, no documento, reconhecem a importância da mobilização realizada pela ANTT na melhoria das tarifas-teto atualmente praticadas. “Nossas sugestões e recomendações buscam melhorar e aperfeiçoar o trabalho desenvolvido,

A pesquisadora Aline Bianca Paulo (acima) e a economista Priscilla Biancarelli Nunes (abaixo) fazem parte do Grupo de Pesquisa e Extensão em Logística Agroindustrial, da ESALQ-LOG e atuam sob a liderança do professor e engenheiro José Vicente Caixeta Filho no projeto “Jamaica”.

PROJETO JAMAICA

A ESALQ-LOG instituiu o Projeto “Jamaica” para analisar as tarifas ferroviárias e rodoviárias do Estado do Paraná de diversos produtos do agronegócio (soja, milho, farelo de soja, açúcar, etanol, calcário, fertilizantes), apresentando a inter-relação entre os usuários do serviço ferroviário (empresas envolvidas no projeto), as concessionárias das ferrovias presentes no Estado e a Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT). O estudo foi contratado pela FAEP e tem o apoio na organização da Alcopar e Ocepar.

Participam do Projeto Jamaica: 22 empresas do agronegócio paranaense separadas em dois grandes grupos, levando em consideração sua principal atividade agrícola; 8 empresas do setor sucroalcooleiro e as demais são empresas de grãos e fertilizantes. O motivo é que a cadeia logística agroindustrial dessas empresas segue um caminho bastante semelhante entre a produção e o destino. O projeto estuda a logística de aproximadamente 97% do total de açúcar produzido pelo Estado do Paraná e 75% dos grãos.

O mercado imperfeito

A comercialização dos produtos agropecuários se dá em um “mercado imperfeito”, isto é, milhares de produtores ofertam o mesmo produto ao mesmo tempo. Do outro lado do balcão, um número reduzido de empresas está comprando. É claro que os produtores rurais não fazem o preço, mas obedecem os indicadores das grandes bolsas internacionais para vender o produto.

O preço recebido pelo produtor de soja – ou de qualquer outra commodity – é calculado de frente para trás. Há um preço CIF, colocado no porto de destino e que vale para a soja, milho ou qualquer outro produto dos Estados Unidos, da Argentina, do Brasil ou outro país exportador. No caso da soja, a partir do preço na Bolsa de Chicago, vão sendo deduzidos os preços das diversas etapas do processo de comercialização: despesas portuárias, frete interno da área de produção até o porto, pedágio, corretagem, comissão de vendas, despesas administrativas entre outras.

Apenas com frete interno e pedágio, existe um deságio de 8,4%, correspondente a US\$ 40,00 por tonelada. Já a despesa portuária representa 1,5% do preço inicial, ou seja, US\$ 7,00 por tonelada, enquanto nos Estados Unidos e Argentina está por volta de US\$ 3,00 a US\$ 4,00 por tonelada. A soja no mercado futuro para março/12 está cotada a US\$ 477,51 por tonelada. Deduzidos do preço, as diferentes etapas, há uma perda de US\$ 63,61 por tonelada, correspondente a 13% do valor inicial. Com isso, o que sobra desta conta, US\$ 413,90 por tonelada é o que ganha o produtor rural.

(Gilda Bozza é economista do DTE/FAEP)



de maneira que todos os interessados sejam contemplados, atendendo às suas respectivas atuações econômicas”, conclui.

**Assinam o documento:*

FAEP, Ocepar, Alcopar, Faciap, IEP, Fecomércio, Fiep e empresas do agronegócio usuárias do sistema rodoferroviário.

O exemplo que vem de

O pequeno município de Bom Jesus do Sul (539 km distante da capital) encontrou nos poços artesianos a melhor alternativa para melhorar a qualidade da água e o abastecimento humano e dos animais nas pequenas propriedades rurais. Embora tenha começado o programa de perfuração de poços em 1997, a população comemora este ano o fato de 600 famílias serem atendidas - o que representa 90% da população rural, com água de qualidade.

A falta de recursos foi à causa da longa espera, mas o município com 3.796 habitantes (IBGE 2010) pode se orgulhar de uma situação considerada rara no Estado. Junto com o abastecimento de água de qualidade a Prefeitura também contabiliza a diminuição das filas no posto de saúde para tratamento de doenças causadas por águas contaminadas.

As propriedades rurais ocupam 75% do território do município, onde as famílias vivem da agricultura familiar nas culturas de milho, feijão e soja e bovinocultura de leite. O tamanho médio das propriedades rurais é 14 hectares. Além da agricultura os produtores têm ainda agroindústrias familiares que agregam valor aos seus produtos.

Hoje o município tem 15 poços artesianos e uma rede de distribuição de aproximadamente 75 km, que atendem a população rural.

Os recursos para o programa são parte do município e dos governos do Estado e Federal. “O caminho para conseguirmos os recursos são dois: através de emendas parlamentares e através de programação. O município elabora o projeto e encaminha diretamente ao governo federal. Qualquer município pode usar este mecanismo”, diz o prefeito Paulo Deola. No total foram investidos R\$ 806 mil

Poços artesianos abastecem 90% da população rural

“

O caminho para conseguirmos os recursos são dois: através de emendas parlamentares e através de programação. O município elabora o projeto e encaminha diretamente ao governo federal. Qualquer município pode usar este mecanismo.

*Paulo Deola,
prefeito.*

”



pelo governo federal; R\$ 200 mil pelo governo do Estado e R\$ 400 mil pelo município. O mercado de perfuração de poços artesianos é acirrado, a exemplo do sudoeste paranaense onde há pelo menos 12 empresas. Em média, um poço com profundidade entre 200m e 250m custa cerca de R\$ 45 mil (perfuração e levantamento geológico – vazão e possibilidade de erosão).

Em Bom Jesus do Sul profundidade de cada poço varia de 100 a 250 metros com uma vazão de 6.000 litros/hora. Cada poço atende de 50 a 90 famílias dependendo da altitude do reservatório e da vazão do poço.

O custo para cada família a partir do hidrômetro é de R\$ 3,50 para a manutenção do sistema e R\$ 1,89 o metro cúbico – o mesmo valor cobrado pela Sanepar até 10m³. Após a conclusão de cada rede a administração e manutenção das redes fica sob responsabilidade da Associação Central de Famílias Rurais (Acefarr).

Complementando o programa de poços

Bom Jesus do Sul



Vista aérea
de Bom Jesus do Sul com
3.796 habitantes

artesianos, o município mantém através do Departamento de Agricultura e Meio Ambiente, o Programa de Recuperação e Conservação de Mata Ciliar e das áreas de Preservação Permanente.

BOM JESUS DO SUL
**TERRITÓRIO LIVRE
DE ANALFABETISMO**

Há dois anos, com justos motivos, o prefeito Paulo De-ola instalou duas placas na entrada de seu município: Bom Jesus do Sul – Território Livre de Analfabetismo. Com o índice de 0,43%, seus habitantes exibem a menor taxa do Estado e do País de analfabetos.

GASTOS

Consumo de água na manutenção dos animais

Período de estiagem não é um drama apenas na produção da agricultura, com a redução das colheitas de soja e milho, como agora ocorre. A falta de chuvas muitas vezes torna dramática a situação daqueles produtores que atuam na avicultura, suinocultura e bovinocultura (corte e leite). O Centro Nacional de Pesquisas em Suínos e Aves da Embrapa revela o consumo de água estimado nessas atividades:



AVES

Considerando um galpão com 22 mil aves adultas onde cada um consome 700 gramas de ração por semana - 6.600 litros/dia



SUÍNOS

Leitões até 15 quilos	1,5 a 2 litros/dia
Até 50 quilos	5 a 8 litros/dia
Até 90 quilos	6 a 9 litros/dia
Até 150 quilos	7 a 10 litros/dia
Matríz em gestação	15 a 20 litros/dia
Matríz em lactação	30 a 40 litros/dia



BOVINOS

- Cada animal consome em média 20% do seu peso.
- Uma Jersey de 350 kg: 70 litros /dia
- Uma holandesa de 600 kg: 120 litros/dias

Poços emergenciais: empacados em Brasília

Pelo histórico de agilidade da burocracia, talvez na próxima estiagem

O produtor Salomão Pinheiro e sua esposa Izolda dos Santos: água em abundância



“

O sistema é automatizado e igual ao que temos nos centros urbanos. Deste total aproximadamente 30% são direcionados aos produtores rurais que precisam de água para manter sua atividade econômica.

Everton Luiz Costa Souza, geólogo e diretor executivo do Instituto das Águas do Paraná.

”

Ao decretar estado de emergência em 137 municípios do Estado, o governo do Estado anunciou uma ação emergencial prevendo a perfuração de 150 poços artesanais nas regiões mais atingidas e a construção de reservatórios comunitários de 10 mil litros. Do total de investimentos 10 milhões viriam do governo federal, através do Ministério da Integração Nacional, 2,5 milhões de recursos próprios do Estado e 2,5 milhões em serviços da Copel.

A ação empacou no governo federal, que até a semana passada não havia liberado os recursos necessários para a execução de ações de combate à seca. De acordo com o engenheiro-florestal e pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Erich Schaitza, que trabalha em regime de cooperação com a Seab, os reservatórios começariam a produzir água em 45 dias a partir da perfuração. “A intenção é levar uma solução ao pequeno produtor que produz leite, aves e suínos minimizando seus prejuízos atuais e evitando futuras perdas. Por enquanto só nos resta aguardar”.

A definição dos locais onde serão perfurados os poços será feita de forma descentralizada pelas regionais da Seab em conjun-

to com as comunidades e os extensionistas do Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater).

O geólogo e diretor executivo do Instituto das Águas do Paraná, Everton Luiz Costa Souza lembra que o Estado possui aproximadamente 1,5 mil poços artesanais ou redes de distribuição comunitárias. Todos foram perfurados e instalados em governos anteriores e administrados em parceria com as prefeituras e as comunidades. “O sistema é automatizado e igual ao que temos nos centros urbanos. Deste total aproximadamente 30% são direcionados aos produtores rurais que precisam de água para manter sua atividade econômica”, explica.

O governo do Estado trabalha paralelamente em um programa amplo de Gestão Ambiental e Microbacias em cada município. As ações serão desenvolvidas com recursos do Banco Mundial na ordem de R\$ 104 milhões no desenvolvimento de ações de manejo integrado ao longo de quatro anos. “Este programa prevê o abastecimento e acesso à água de boa qualidade além da preservação ambiental”, explica Schaitza. Mas o Banco Mundial ainda não liberou os recursos.

A expansão das sementes transgênicas

Brasil é o segundo país em área plantada



Pelo terceiro ano seguido, o Brasil foi o grande responsável pela expansão do cultivo mundial de lavouras geneticamente modificadas em 2011. É o que mostram os dados divulgados pelo Serviço Internacional para a Aquisição de Aplicações Biotecnológicas (ISAAA, na sigla em inglês), uma organização não governamental pró-transgênicos. No ano passado, a área global plantada com sementes geneticamente modificadas cresceu em 8% — ou 12 milhões de hectares — para 160 milhões de hectares.

O Brasil sozinho respondeu por 40% dessa expansão e hoje perde apenas para

os EUA em área plantada (69 milhões de ha). No ano passado, a área ocupada com transgênicos no país somou 30,3 milhões de hectares, um aumento de quase 20% ou 4,9 milhões de hectares em relação à safra anterior. Foram 20,6 milhões de hectares de soja, 9,1 milhões de milho e 600 mil de algodão.

“Isso só foi possível porque o Brasil conseguiu desenvolver um sistema rápido de aprovações e é capaz de desenvolver sua própria tecnologia”, disse Clive James, presidente da ISAAA, durante uma teleconferência com jornalistas de todo o mundo.

Nas lavouras brasileiras:
82% do cultivo da soja,
65% do milho e
40% do algodão são
transgênicos

Desde 2005, quando a tecnologia foi regulamentada no Brasil, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) liberou o plantio de 32 variedades geneticamente modificadas de soja, milho, algodão e feijão. Só em 2011 foram seis aprovações.

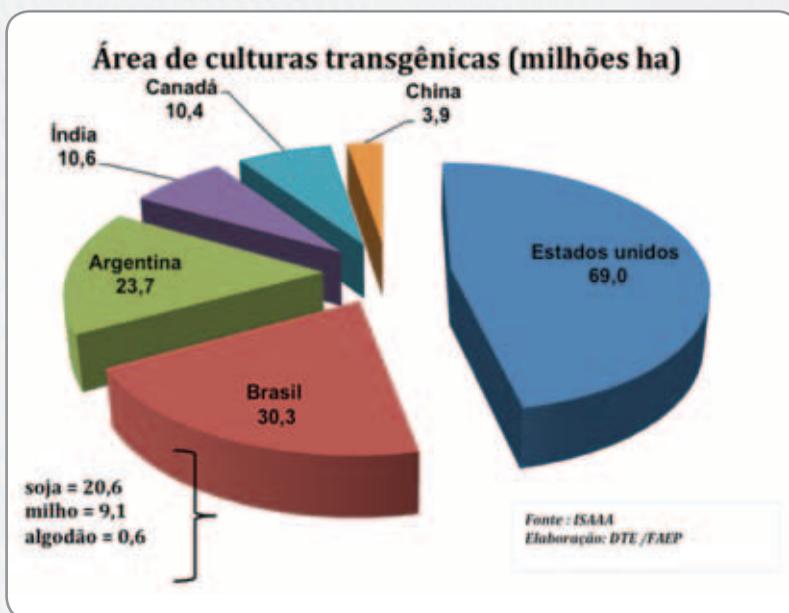
Durante a entrevista, James ressaltou mais de uma vez o papel da Embrapa, que obteve em 2011 a liberação comercial para o feijão resistente ao vírus do mosaico dourado – a primeira variedade transgênica totalmente desenvolvida por uma instituição nacional. Em 2009, a empresa já havia obtido a liberação para uma nova soja transgênica, desenvolvida em parceria com a Basf.

A disseminação da tecnologia no Brasil impressiona, sobretudo no milho. Em apenas quatro safras, desde que o primeiro híbrido transgênico foi liberado no país, quase 65% das lavouras de milho passaram a ser geneticamente modificadas – nos últimos três anos, registraram-se mais variedades transgênicas do que convencionais do grão.

No caso da soja, esse índice beira os 83%, mas as primeiras sementes modificadas chegaram ao Brasil ainda no fim dos anos 1990, de maneira ilegal, contrabandeadas da Argentina.

Paraná

Em termos de área, o Paraná é o terceiro Estado em plantio de soja geneticamente modificada, atrás apenas do Rio Grande do Sul e do Mato Grosso, totalizando 4,06 milhões de hectares na atual safra. A área representa 88,6% do total plantado com a oleaginosa no Estado. De acordo com o analista de biotecnologia da Consultoria Céleres, Jorge Attie, os produtores alegam que a soja transgênica dá maior tranquilidade. Segundo ele, o levantamento é feito com base em pesquisa realizada com profissionais da área, revendas de insumos,



“

“Isso só foi possível porque o Brasil conseguiu desenvolver um sistema rápido de aprovações e é capaz de desenvolver sua própria tecnologia.

*Clive James,
presidente da ISAAA*

”

profissionais da pesquisa, cooperativas e produtores.

Já no caso do milho, o crescimento é ainda mais significativo, atingindo 67,3% da área plantada no País, ou 9,91 milhões de hectares somando-se a primeira e a segunda safra. Em comparação à safra 2010/11, a utilização de biotecnologia avançou 32%.

No Paraná, o milho transgênico ocupa 76,8% das lavouras, o equivalente a 753 mil hectares na primeira safra. Em área, o Estado perde apenas para o Rio Grande do Sul e Minas Gerais. No caso do milho safrinha, 87,5% das lavouras paranaenses devem ser cultivadas com híbridos transgênicos, somando 1,53 milhão de hectares. O Estado perde apenas para o Mato Grosso em termos de área com emprego de biotecnologia. O analista da Céleres lembra que no caso do milho, existe a exigência de manutenção de área de refúgio e, portanto, a área ocupada com transgênicos não poderá ultrapassar 90% do total cultivado.

Caldato: a palavra do produtor

Cultivando grãos há 40 anos em 300 hectares o produtor rural e presidente do Sindicato Rural de Pato Branco, Oradi Francisco Caldato, 62 anos, revela sua ex-



“

No mínimo 10% para a soja e de 10% a 20% na cultura do milho. Com a semente transgênica do milho o produtor conseguiu combater a praga ‘lagarta de cartucho’, que causava a perda de no mínimo 20% da safra e quando não era controlada causava a perda total da lavoura.

O produtor precisa ficar atento e não esquecer de fazer o manejo do solo. A falta de rotação de cultura a cada dois anos, pelo menos, faz com que a semente transgênica também crie resistência a algumas pragas.

*Oradi Francisco Caldato,
produtor rural.*

”

períencia positiva com as sementes transgênicas. “Nós perdemos muito tempo no Paraná, quando o governo anterior impediu o produtor rural cultivar sementes transgênicas. Naquela época o produtor não plantava maconha e nem era contraventor, mas era assim que se sentia diante de tamanha perseguição”, diz.

Caldato compara seu custo de produção com sementes modificadas e tradicionais. “Em um alqueire (2,42 hectare) de soja tradicional o custo com defensivos agrícolas é de R\$ 460,00, enquanto que, na mesma área com soja transgênica o custo é de R\$50,00. O transgênico não tem volta”, afirma.

Além da economia financeira devido à redução das aplicações de defensivos agrícolas Caldato comprovou o aumento de produtividade. “No mínimo 10% para a soja e de 10% a 20% na cultura do milho. Com a semente transgênica do milho o produtor conseguiu combater a praga ‘lagarta de cartucho’, que causava a perda de no mínimo 20% da safra e quando não era controlada causava a perda total da lavoura”, conta.

Com base na sua experiência, porém, ele adverte: “O produtor precisa ficar atento e não esquecer de fazer o manejo do solo. A falta de rotação de cultura a cada dois anos, pelo menos, faz com que a semente transgênica também crie resistência a algumas pragas”, alerta. Outra vantagem das sementes geneticamente modificadas apontada por Caldato é em relação à estiação. “Em um cultivo de soja tradicional se sofrêssemos com uma seca como a que estamos vivendo, toda a lavoura estaria comprometida com as pragas. Isto porque não teríamos a umidade necessária no ar e na terra para aplicar os defensivos agrícolas no período específico. Com a soja transgênica o glifosato pode ser aplicado na lavoura em qualquer período que dá excelente resultados”, finaliza.



Tainha

Dotada de duas nadadeiras dorsais, a tainha é o mais rápido dos peixes. É o único peixe que possui estômago igual ao da ave.

E lembre-se

- Fluxograma não é a direção em que cresce o capim;
- Expedidor não é um antigo mendigo;
- Tripulante não é um especialista em salto triplo;
- Aspirado não é carta de baralho maluca.



Esclarecendo

Madame para o mendigo que batia na sua porta:
– Você já bebeu hoje?
Mendigo: Isto é uma pergunta, ou um convite?

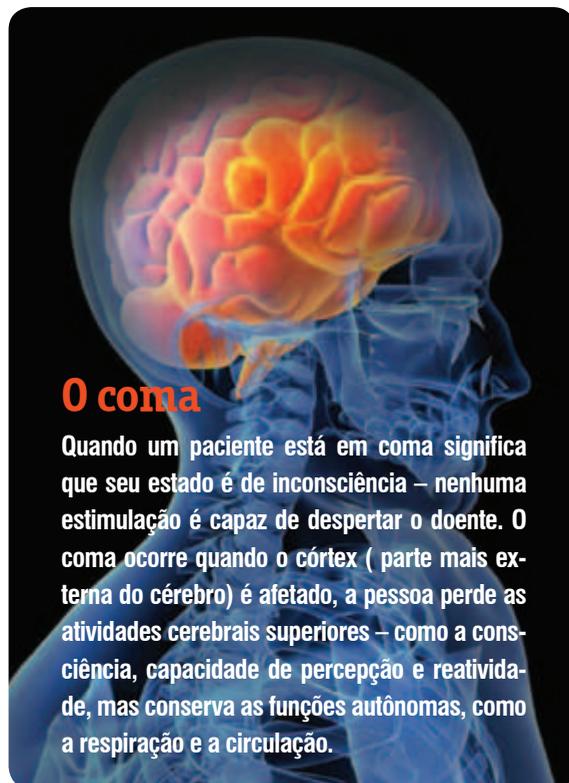
Cócegas

As cócegas são um sistema de autodefesa do corpo. Segundo essa teoria, o cérebro emite um sinal de alarme e o corpo responde rapidamente. Por isso você não consegue fazer cócegas em si mesmo.



Chope com espuma

A espuma é essencial para manter o gás. Ela protege a bebida do contato com o oxigênio, que faz o chope amargar. A espuma também atua como isolante térmico, ajudando a preservar a temperatura do chope.



O coma

Quando um paciente está em coma significa que seu estado é de inconsciência – nenhuma estimulação é capaz de despertar o doente. O coma ocorre quando o córtex (parte mais externa do cérebro) é afetado, a pessoa perde as atividades cerebrais superiores – como a consciência, capacidade de percepção e reatividade, mas conserva as funções autônomas, como a respiração e a circulação.

Leão ou sanguessuga

No final de 1979, a Secretaria da Receita Federal escolheu o leão levando em conta que:

- 1) É o rei dos animais mas não ataca sem avisar;
- 2) É justo;
- 3) É leal;
- 4) É manso, mas não é bobo.

Esqueceram que o Leão não é um animal que vive no Brasil, mas o símbolo pegou. Na época, um publicitário reclamou e justificou: – Deveriam escolher um animal bem brasileiro como a sanguessuga, porque é um parasita que vive do sangue dos outros e é a cara do governo e suas tributações.



Sem controle

Veja se você tem controle de seu pé direito. Sentado à sua mesa, faça círculos com o seu pé direito no sentido dos ponteiros de um relógio. Enquanto estiver fazendo isso, desenhe na mesa o número 6 com a sua mão direita. O movimento do seu pé vai mudar de direção. Vai circular contrário aos ponteiros de um relógio. Não adianta, é o mesmo local do cérebro que comanda as duas atividades. Faça o mesmo, mas escreva o 6 com a mão esquerda. Agora, conseguiu?



Amazonas

A vazão do Amazonas corresponde a 20% da vazão conjunta de todos os rios da terra. O maior peixe de água doce do mundo é encontrado nas suas águas. Trata-se do pirarucu, que atinge até 2,5 metros de comprimento, pesando 250 quilos.



Soluções

O soluço é a contração involuntária do músculo do diafragma, responsável pela respiração causado por irritação no nervo frênico – o que ativa o diafragma. O soluço pode ser curado por um susto, que liberaria adrenalina e ativaria o tal nervo. Outra solução seria o banho gelado, que provocaria o mesmo efeito.



Máquina de fazer doido

Vale para crianças e adultos. Você deve ficar a uma distância de, no mínimo, 2 metros da tela da TV, para evitar a exposição à luminosidade excessiva e à radiação do aparelho. Você pode sentir dores de cabeça e ardor nos olhos, se facilitar. A longo prazo podem ocorrer problemas sérios de visão. Pelo padrão da TV brasileira, você ainda corre o risco de emburrecer e dar milho pra bicicleta.





CURSOS

Tapira



Gestão Rural

O SENAR-PR, o Sindicato Rural de Umuarama – extensão de base de Tapira em parceria com a prefeitura, realizaram curso de Gestão Rural – Nível Básico. O curso dirigido aos produtores e trabalhadores rurais do município teve duração de 40 horas e foi realizado na Casa da Cultura de Tapira, no período de 23 a 27 de janeiro. Com a participação de 12 alunos o curso oferece ao produtor ferramentas para analisar sua propriedade rural através de um diagnóstico, custos de produção, estratégias de comercialização e realizar um plano de ação para melhorar a administração das propriedades rurais do município. O instrutor do grupo foi Clovis Palozi.

Assis Chateaubriand



Posse

Em razão do falecimento do deputado Moacir Micheletto assume a presidência do Sindicato Rural de Assis Chateaubriand o vice-presidente Valdemar da Silva Melato, que atuará também como delegado representante.

Ribeirão do Pinhal



Classificação de Grãos

O Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal em parceria com o SENAR-PR realizou o curso de Trabalhador na Classificação de Produtos de Origem Vegetal – Classificação de Grãos – milho, trigo e soja nos dias 27, 28 e 30 de janeiro. A turma com 14 participantes teve como instrutor José Antonio Moreira da Silva.

Guarapuava



Casqueamento de bovinos

O Sindicato Rural de Guarapuava, em parceria com o SENAR-PR, está promovendo o curso Trabalhador na Bovinocultura de Leite – casqueamento de bovinos de leite. As aulas aconteceram nos dias 19 e 20 de janeiro com palestras e aulas práticas na Associação de Moradores do Distrito do Guairacá. De acordo com o instrutor Marcelo Simionatto Alves, o curso ensina que o criador deve aplicar em sua propriedade o casqueamento preventivo.

Nova Tebas



Mulher Atual

Na comunidade de Bela Vista, município de Nova Tebas, mais uma turma do Programa Mulher Atual foi concluída no mês de dezembro. Foram atendidas 26 mulheres, que participaram de 10 encontros semanais. O curso foi uma parceria entre Sindicato Rural de Pitanga, Prefeitura de Nova Tebas e SENAR-PR. A instrutora do grupo foi Joseane Luzia Granemann.

Palmeira



Jardineiro

O Sindicato Rural de Palmeira em parceria com o SENAR-PR promoveu a realização do curso Jardineiro – implementação e manutenção, entre os dias 16 a 18 de janeiro. A turma com 11 participantes assistiu as aulas na Casa do Criador, na Colônia Witmarsun, com o instrutor Renato de Moura Correa.

Nova Santa Rosa



Posse

Foi reeleito como presidente do Sindicato Rural de Nova Santa Rosa, Rudi Wutzke e a posse da nova diretoria ocorreu em 30 de novembro. Também foram empossados: como vice-presidente Eurico Tadeu Grings e Erni Arndt como tesoureiro. Esta diretoria fica no cargo até 9 de dezembro de 2014.

Wenceslau Braz



Posse

No dia 16 de janeiro foi eleita a diretoria do Sindicato Rural de Wenceslau Braz. O presidente Paulo Varlei da Silva foi reeleito e junto com ele o vice-presidente Francisco Orsini de Nadai e os tesoueiros José Benício Nogueira e Marcelo de Souza Carvalho. Eles ficam no cargo até 25 de janeiro de 2015.

Nunorte, o novo Núcleo da FAEP

Pissinati é o novo presidente

Narciso Pissinati foi eleito presidente do Núcleo dos Sindicatos Rurais Patronais do Norte do Paraná (Nunorte), em solenidade ocorrida no último dia 3, em Londrina. Pissinati preside o Sindicato Rural Londrina e agora lidera um núcleo com 16 sindicatos rurais da região norte do Estado (*).

Representando a diretoria da FAEP, o diretor financeiro João Luiz Rodrigues Biscaia, deu posse à diretoria do Nunorte, sugerindo que o Núcleo defina bem seu rumo, “porque ninguém vai a lugar algum sem planejamento”. E acrescentou que o Núcleo “terá o tamanho e a força que seus membros quiserem e justificarem”.

* NUNORTE – Os dezesseis sindicatos que integram o Nunorte: Alvorada do Sul, Apucarana, Arapongas, Bela Vista do Paraíso, Cambé, Centenário do Sul, Faxinal, Grandes Rios, Ibiporã, Jataizinho, Londrina, Marilândia do Sul, Porecatu, Primeiro de Maio, Rolândia e Sertãoópolis.

Cuidado com a “salvação da lavoura”

E na semana passada, Pissinati divulgou essa carta aberta. Senhores Agricultores, Pesquisadores e representantes de entidades e cooperativas

Estamos diante de um problema muito sério em relação a infestação da lagarta chamada de “falsa medeadeira”. Na safra passada não foi motivo de alarde, desconsiderada no combate na escala de primeira necessidade. Mas neste plantio ela tornou-se preocupação em primeira escala de pragas. O que precisamos esclarecer é a forma como as pesquisas estão conduzindo ano após anos essa e outras pragas.

Agora, em finais de safra, estão sendo analisadas as futuras necessidades da lavoura. É o momento de alertar aos produtores para as novas medidas a serem tomadas em relação às pragas e suas incidências na futura safra. Precisamos divulgar o que vem ocorrendo neste momento. Pro-



dutores estão comprando produtos que não tem eficiência alguma sobre a lagarta, por exemplo.

Está havendo um número exagerado de aplicações, que, ao nosso ver, provoca um descontrole e um desastre ambiental, sem que saibamos avaliar seu tamanho. Esse é um assunto para ser refletido em todas as empresas de pesquisa. Segundo o pesquisador Amélio Dall’Agnol, da EMBRAPA SOJA, somente com outra variedade de soja que está sendo pesquisada, poderá se controlar essa praga específica da lagarta (medeadeira).

Enquanto isso, depois de gastos exagerados e aplicações desnecessárias feitas na atual safra, surgem produtos com valores três vezes mais caros, prometendo o controle da praga.

Eu pergunto: estamos em pleno desenvolvimento das plantas, por que somente agora surgiu a “salvação da lavoura”? Sabemos que pesquisas não se fazem de um mês para outro.

A responsabilidade de boas práticas, cuidados com o meio ambiente e de sanidade é de todos. Juntos poderemos encontrar as soluções

Narciso Pissinati,
presidente do Sindicato Rural Patronal
de Londrina e do Nunorte

Notas



Angolanos

Um grupo de 14 angolanos está conhecendo o agronegócio paranaense, a convite do SENAR nacional e da Agência Brasileira de Cooperação. Eles estiveram no estande do Sistema FAEP, no Show Rural, em Cascavel e na estação ainda em Matelândia, no Centro de Treinamento Agropecuário de Assis Chateaubriand e em Curitiba, na sede do SENAR-PR. O grupo permanece no Estado até o dia 18 de fevereiro.

Votação do Código

O novo Código Florestal voltará à pauta da Congresso Nacional no dia 6 de março, data acertada entre governo e parlamentares para votação do texto na Câmara dos Deputados. A proposta, que já havia sido aprovada pela Câmara, sofreu mudanças no Senado e deve ser levada diretamente ao plenário, sem passar por comissões da Casa. Depois da Câmara, a nova legislação ambiental deverá finalmente seguir para sanção presidencial.

Cartas

Carta

Gostaria de agradecer pelo Boletim da FAEP que me é enviado semanalmente. Aprecio todo conteúdo que é de ótima qualidade e inclusive tenho acompanhado o processo de votação do novo Código florestal brasileiro, além de outras informações de grande importância pra mim.

Fábio Teixeira da Cruz
Caitité - Bahia

EXPEDIENTE



Av. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar
CEP 80010-010 | Curitiba | Paraná
Fone: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124
www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente

Ágide Meneguette

Vice-Presidentes

Moacir Micheletto, Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Polo e Ivo Pierin Júnior

Diretores Secretários

Livaldo Gemin e Pedro Paulo de Mello

Diretores Financeiros

João Luiz Rodrigues Biscaia e Paulo José Buso Júnior

Conselho Fiscal

Sebastião Olímpio Santarozza, Luiz de Oliveira Netto e Lauro Lopes

Delegados Representantes

Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana



SENAR - Administração Regional do Estado do PR

Av. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar
CEP 80010-010 | Curitiba | Paraná
Fone: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779
www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo

Presidente: Ágide Meneguette - FAEP

Membros Efetivos:

Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal:

Sebastião Olímpio Santarozza, Luiz de Oliveira Netto e Jairo Correa de Almeida

Superintendência:

Ronei Volpi



Coordenação de Comunicação Social:

Cynthia Calderon

Redação:

Christiane Kremer, Hemely Cardoso, Katia Santos

Diagramação, Ilustração e Projeto Gráfico:

Alexandre Prado

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR.

Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

É o fim da picada

Por Helio Teixeira

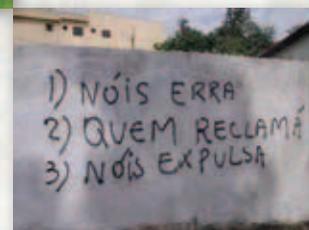
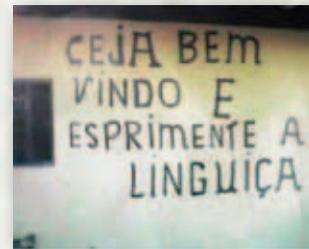
Sexta economia do mundo (e 84º IDH –Índice Humano de Desenvolvimento), o Brasil tornou-se o país da moda no exterior. Há um “boom” de imigração de estrangeiros, invertendo a correnteza de anos atrás, quando brasileiros corriam aos “States” e países como Espanha, Japão e Portugal. Coloque-se no lugar desse pessoal que está aterrissando por aqui e terão de enfrentar nosso amado idioma.

Quem não cometeu um erro de concordância, verbal ou nominal, que atire o primeiro verbo ou o primeiro sujeito sem predicado. Nos orgulhamos de viver num país do tamanho de um continente e possuímos um único idioma do Oiapoque (a nascente do rio Ailá, no monte Caburaí, Roráima) ao norte, e o Chui, no sul. Mas sejamos sinceros: que idiomazinho mais complicado esse. As regras do “bom português” dariam algumas romances daqueles de muitas páginas tratando de acentuação, pontuação, ortografia, conjugação de verbos, sintaxe, etc e etc.

Temos expressões coloquiais de enlouquecer qualquer gringo. Por exemplo: “puxar saco”, “entrar pelos canos”, “dar ponto sem nó”, “tomar um frango”, Imagine um estrangeiro traduzindo literalmente o que é entrar pelo cano ou tomar um frango, ou ainda “fulano é um capeta nos negócios”. Nossas palavras tem o som de “z”, mas escrevemos com “s” (gasolina, atrás).

No ano passado flagraram o MEC publicando um livro repleto de erros de português e foi um “forrobodó” (forrobodó?). Alguém afirmou que no ministério “a turma são fogo”. Mau e mal pode ser com “u” ou com “ele”. Exceção se escreve assim, mas na sonoridade não existe o “x”. Tiraram o trema da linguíça e o hífen da infraestrutura na tal reforma ortográfica. Calcula-se que uns 240 milhões de habitantes falem (ou tentem falar) o português, o quinto idioma mais usado deste planeta. Os gringos vão sofrer, mas temos 14 milhões de brasileiros e brasileiras com mais de 15 anos analfabetos, sem contar aqueles que leem, mas não conseguem entender o que está escrito. Os ditos analfabetos funcionais.

É o fim da picada.



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___

Em ___/___/___

Responsável _____